

O MOBRAL COMO AGENCIA DE DESENVOLVIMENTO



O MOBRAL COMO AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO

Parte I

Conceituação da prática pedagógica e social da Instituição e a natureza da integração dos Programas do MOBRAL entre si e com a base (público alvo).

Parte II

Discussão a respeito de conceitos de comunidade, e conceito de distanciamento x integração tendo como base a experiência de campo dos alfabetizadores do MOBRAL.

O MOBREAL COMO AGENCIA DE DESENVOLVIMENTO

Introdução:

O objetivo deste trabalho é senar subsídios para discussão, através da colocação objetiva de problemas pertinentes à ação do MOBREAL no campo.

Está pois claro que não pretendemos esgotar o assunto, e temos até ser um pouco superficiais. Mas, como o MOBREAL ganha em experiência e se aperfeiçoa no tempo, por ser flexível bastante a ponto de alimentar e incentivar a discussão interna (e a partir dos seus resultados, analisados por quem de direito competir), à luz de uma perspectiva macro, o presente trabalho poderá trazer novas alternativas para a organização.

Estamos cientes de que não se pode julgar a atuação do MOBREAL a nível de Brasil pelo estudo de apenas um de seus 3.953 municípios, e nem postulamos que um município possa ser representativo da realidade brasileira. Mas estamos certos de que as colocações a serem feitas aqui transcenderão um pouco o mero lado comparativo, desde que procuramos situar as nossas observações dentro de um nível de abstração necessário a um trabalho teórico, e sem nunca perder de vista a realidade concreta.

Portanto, partiremos do concreto, isto é, de um trabalho feito pelo Centro de Memória, em duas viagens ao município piauiense de Campo Maior, nos meses de maio e agosto de 1976, para documentar o relatório do técnico Luiz Alfredo Garcia Rosa, Consultor da GEPEB, feito a partir da observação do mesmo município.

O presente trabalho tem como tema a ação do MOBREAL em seu desdobramento como um movimento, que antes de mais nada

necessita estar perfeitamente integrado à massa, para daí, contabilizar sucessos.

Tomaremos como pressuposto a afirmação de que o NOBRAL efetivará crescente e constantemente o seu êxito ao atuar sobre uma realidade social estruturada à medida que responder aos anseios específicos desta realidade.

É indispensável, pois, o conhecimento desta realidade. No caso deste trabalho isto será proporcionado pelos depoimentos (gravados em fita) de habitantes do município de Campo Maior. Sabemos que a realidade social não é apenas o que as pessoas pensam dela. As estruturas que formam a realidade social são opacas e somente desvendadas por um estudo mais profundo.

Parte I

Podemos para efeito de simplificação dividir a prática pedagógica em dois aspectos, que servirão para entendermos e analisarmos as práticas pedagógicas do NOBRAL: o conteúdo programático, e a forma de transmissão. Estes dois aspectos são organicamente ligados, e para melhor concepção da prática pedagógica na qual estão inseridos, não podem ser contraditórios, devendo reforçar-se mutuamente. Convém ressaltar que este reforço se dará não quando se valorizar um destes aspectos em detrimento do outro, mas quando a antevisão dos objetivos a serem alcançados orientar tanto a forma de transmissão quanto o conteúdo programático.

Não deve existir, portanto, uma preponderância da forma pelo conteúdo, ou vice-versa, e cabe à instituição que organiza essa prática exercer uma vigilância constante para que tal não ocorra.

Uma das formas dessa vigilância é a clareza dos objetivos. No caso específico do MOBRAL que optou por uma Alfabetização Funcional, colocando-se como um agente de desenvolvimento, estes objetivos não foram criados abstratamente, mas decorrem das exigências de uma realidade, a qual se pretendia ver transformada. Assim, o discurso pedagógico do MOBRAL tem como vetor a realidade social. Desta forma o conceito de distanciamento é um sintoma de um desvio nos rumos básicos da organização, que deve ser prontamente detetado, analisado e combatido da mesma forma que o conceito de integração, símbolo do sucesso da instituição, não pode ser obra de um acaso, mas construído passo a passo. Essa construção implica necessariamente dois movimentos em um só ato. A destruição do distanciamento e a edificação progressiva da integração.

Isto é importante ter em mente, a oposição entre distanciamento e integração, porque se de modo figurado podemos situar o distanciamento com uma categoria absoluta e negativa, o mesmo não pode ser feito com o conceito de integração, o qual teria, segundo nós, uma escala infinita e positiva a percorrer. Deve-se isto à nobilidade da realidade social e o crescimento humano global, como fator decorrente do processo pedagógico. Algo que se constroi constante e crescentemente em uma direção dada. Esta direção será sempre dada pelos valores filosóficos adotados pela instituição que organiza esta prática. Entretanto, é a realidade, ou seja, critérios pragmáticos, que se encarregarão de julgar a justeza dos valores adotados.

O MOBRAL, pode ser visto sobre um duplo aspecto: primeiro; enquanto um conjunto de programas pedagógicos que podem ser sistematicamente organizados ou não; segundo: a totalidade das práticas pedagógicas como um programa de massa, isto é, que tenha sua força básica na mobilização de recursos humanos e como critério de êxito a participação que consegue gerar.

Estes dois aspectos são indissociáveis. Não podemos incorrer no erro de análise de considerar hierárquica e separadamente os programas. A alfabetização, por exemplo, não é um carro chefe e os outros programas seus meros agentes mobilizadores. Devemos negar esta e outras visões deformadas e deformadoras da prática pedagógica da instituição.

Evitemos visões deformantes partindo de duas conclusões básicas: 1) os programas do MOBRAL são centrípodas, isto é, se dirigem ao mesmo fim; 2) os programas do MOBRAL tem a mesma natureza, portanto utilizam (ou deveriam utilizar) os mesmos valores e os mesmos critérios de eficiência. Se podemos utilizar o enfoque distanciamento x integração para todos os programas do MOBRAL, isto é, mais um indício da natureza comum desses programas.

Então podemos definir a natureza comum: são programas de massa que se dispõe a transformar a realidade social através da educação. Tendo como fim a realização humana e a ascensão social.

O MOBRAL tende a reproduzir os valores da sociedade que o gerou. Esta reprodução não se dá apenas do lado do transmissor, o MOBRAL, mas também do lado do receptor, a clientela do MOBRAL. A clientela reflete de forma espontânea estes valores.

Assim, por exemplo, a alfabetização tem chance de sucesso dada a difusão e aceitação da idéia de educação como fator de desenvolvimento.

Podemos afirmar que tanto o conteúdo quanto a forma prática pedagógica da Instituição necessitam ser coincidentes, o que implica na integração dos diferentes programas.

As nossas duas viagens a Campo Maior, no Piauí (que pode ser considerado como um laboratório de estudo de campo da zona rural

nordestina, pois todos os programas do MOBPAI foram implantados no município) demonstraram a inensa potencialidade da força que estava sendo posta de lado, a medida em que a integração de programas, tão necessária ao MOBPAI só é feita formalmente.

A COEST/PI e a COMUN de Campo Maior não são responsáveis pelo caráter meramente formal da integração de programas, pois repassam este caráter da própria integração formal do MOBPAI Central. Para que esta integração de programas possa fortalecer a integração oposta ao distanciamento dois pontos devem ser levados em conta pelo MOBPAI:

1) Acreditamos que todo trabalho levado com um grupo, em campo, pode ser considerado uma prática social. Como tal é uma prática sobre uma realidade social. Portanto o primeiro passo para que esta prática se efetive e tenha consequências deve ser dado pelo conhecimento desta realidade social. A realidade engloba tanto os grupos em questão como as situações - problemas nas quais estes grupos estão inseridos. Sem este conhecimento da realidade na qual a instituição pretende ter uma presença efetiva, toda prática social pedagógica transformativa ou não conseguirá alcançar os seus objetivos de plena realização do homem e da sua capacidade de se ver responsável por ela (homem-sujeito), ou, mesmo que consiga um certo êxito, será um êxito aparente e provisório. Cabe portanto à Instituição que organiza a prática social a responsabilidade de desenvolver uma teoria do trabalho social que possa conduzir o trabalho de forma eficiente.

2) Acreditando que como forma tática de ação cabe ao MOBPAI a utilização racional (e ótima) da sua estrutura, isto implica em detectar, interpretar e reforçar os pontos fortes objetivando mudança de rumo quando e onde as mudanças se fizerem necessárias.

É importante ressaltar que a pretendida integração dos programas não é um remanejamento na cúpula, mas tem sua existência real!

na Integração dos diferentes programas com a base (realidade/ população alvo). Em suma, o MOBRRAL não será a soma das particularidades dos seus diferentes programas, mas a globalização dos Programas efetivada em ação conjunta com vistas ao mesmo fim.

A prática nos mostra que integração de programas e integração com a base é uma relação com determinante. É a integração com a base que vai determinar tanto o conteúdo como a forma de viabilização justa de um programa, da mesma forma que gerará integração dos programas. É vital para a organização que esta integração se faça de forma ôtima.

Não vai aqui nenhuma crítica, mas o alerta que a instituição necessita estreitar ainda mais a integração com a realidade social na qual vem atuando. A integração se dá em graus de intensidade desde que o trabalho seja corretamente conduzido. Caso contrário não há integração, mas ativismo ingênuo.

A finalidade deste trabalho é apontar alguns problemas e sugestões de equacionamento que conduzem a soluções. O primeiro passo desse equacionamento será reconceituar algumas expressões presentes no discurso da organização, as quais não tem sido bem definidas, e a medida que não são bem definidos estes termos há uma tendência da prática não refletida ocupar indevidamente o seu lugar.

Assim, se evitamos discutir em profundidade alguns assuntos, apenas tratados de modo superficial no presente trabalho, é porque nosso propósito é lançar pontos a discutir, observados em nossas duas viagens a Campo Maior.

Por isso não aprofundamos a noção de conteúdo e forma dentro da prática pedagógica. Em primeiro lugar, porque nos propomos a ver o MOBRRAL como movimento global nas suas práticas sociais. Em segundo lugar, porque mesmo tendo certeza que cada uma destas práticas tem particularidades próprias, especificadas nelas mesmas, estão unidas tanto pelos objetivos únicos pretendidos,

como pela realidade comum da clientela do MOBRRAL, sobre a qual atuar.

Os conceitos colocados de forma inicial (não aprofundados) neste trabalho, são conceitos básicos para uma Instituição, que, como o MOBRRAL, se disponha a mobilizar as massas com o objetivo de gerar uma integração participativa. Os conceitos nucleares por nós situados são: 1a.) relação entre conteúdo e forma das práticas pedagógicas; 2a.) população alvo a qual se destina o discurso da organização. Para situar um pouco mais a discussão é necessário lembrar que o discurso do MOBRRAL deverá sempre ser norteado pela análise da situação da população alvo. Essa população alvo não pode ser vista como isolada no espaço, mas inserida em relações estruturais que determinam sua maneira de ser e sua expectativa. Portanto quanto mais o MOBRRAL restringir o seu discurso a esta população (classe social), e quanto mais o MOBRRAL procurar através das suas práticas representar os reais anseios desta população (classe social), tanto mais poderá se dizer que consegue obter sucesso. E a medida desse sucesso se traduz em integração com a base.

Da mesma forma que a prática social da instituição está limitada por obstáculos institucionais externos, e que a própria instituição cumpre uma função dentro das expectativas do nosso sistema político a seu respeito, cabe de fato à Instituição uma autonomia, um campo para o exercício de forma exaustiva, da imaginação criadora para o atendimento das necessidades sociais em questão. Isto implica um conhecimento tanto da conjuntura política em que atua como também na que o MOBRRAL se propõe a satisfazer. É necessário acoplar estas duas expectativas.

Dois premissas devem ser discutidas:

1º) O MOBRRAL não poderá manter um ritmo de campanha por tempo indeterminado (isto já se faz presente). Se esta campanha foi dirigida com um fim notamos que o simples dirigismo não foi capaz de sedimentar e embasar o crescimento futuro da organização, como não conseguiu sedimentar os programas que no futuro deveriam servir de base concreta para o próprio

reforço da alfabetização.

2º) A partir daí se faz necessário a retomada do posicionamento que transcende a mera soma ou incorporação de atividades sobre atividades, mas se propõe a integração das atividades para que a convergência de princípios e valores postulados nos documentos do MOBRAL encontre base de existência efetiva na prática social da organização.

Estamos certos que atentando para a parte teórica deste trabalho e juntando as declarações por nós gravadas, podemos levantar hipóteses a serem desenvolvidas em trabalhos futuros, as quais poderão orientar estudos sobre as possibilidades de otimizar as propostas da prática social da organização. Podemos classificar de forma simples as observações constantes nos depoimentos gravados em dois tipos de situações-problemas:

- a) Obstáculos subjetivos à prática pedagógica social;
- b) Obstáculos objetivos à prática pedagógica social.

Podemos ver nestas declarações, alguns obstáculos e algumas indicações para uma linha justa da prática pedagógica transformativa da organização. Se faz necessário ressaltar que as declarações merecem um outro tipo de leitura que não a espontânea e a imediata. Porque para efeito da prática social, a sua viabilização e otimização, a leitura das declarações não é obtida apenas pela junção de dicas e sugestões. As declarações devem ser lidas e compreendidas quando articuladas a uma linha mestra que é a teoria. É esta teoria que deve embasar a prática social da Instituição. Explicando melhor, não cabe aceitar estas declarações sem discutir o seu conteúdo e discutir o conteúdo sem uma teoria é um mero exercício retórico.

Parte II

Como base deste trabalho partimos de uma constatação de um relatório da GLPED a qual acrescentamos as nossas próprias conclusões.

Vamos reproduzir essa constatação na íntegra para depois comentá-la: é frequente argumentar-se que muitas falhas nos programas do MOBRAL decorrem do baixo nível dos alfabetizadores.

Verificamos no entanto, que o que distingue o bom do mau alfabetizador não é o seu nível de escolaridade ou o seu grau de instrução, mas o maior ou o menor envolvimento com os problemas da comunidade em geral, e do aluno em particular.

Notamos que as classes que apresentavam maior índice de evasão de alunos não eram aquelas cujos alfabetizadores eram mais carentes em termos de informação, mas aquelas cujos alfabetizadores eram passivos frente aos problemas da comunidade. Verificamos também que é frequente entre os alfabetizadores de maior nível de escolaridade um distanciamento diante dos alunos. O alfabetizador adota uma atitude professoral, confere a si mesmo um status de professor, de mestre... Quanto maior é o nível de informação, maior é a frequência que ocorre este fenômeno (documento de circulação interna da GEPEO sob o título: "Relatório sobre contato com alfabetizadores da zona rural do Estado do Piauí" - página 3). Luiz Alfredo Garcia Rosa)

Não vamos discutir inicialmente a noção de distanciamento enquanto gerado pelo grau de informação, mas interessa-nos sobretudo a afirmação de que o êxito do trabalho, visto sob o ângulo da própria motivação dos alunos e a sua permanência no curso, depende da integração do alfabetizador com os problemas dos alunos em particular e da comunidade em geral. Esta afirmação é bem rica e fértil e deixa entrever toda uma linha prática de trabalho e pesquisa a ser aprofundada.

Para colocar melhor a questão e ressaltar aquilo que nos interessa, tomemos como referência dois alfabetizadores, os alfabetizadores A e B. Tanto A como B trabalham sob as mesmas variáveis.

- 1) recebem o mesmo tipo de material didático;
- 2) recebem o mesmo tipo de treinamento;
- 3) atuam em condições materiais semelhantes.

Temos como diferença fundamental:

- B tem maior grau de instrução do que A e, logicamente, melhores condições de introduzir o conteúdo programático.

Só que como resultado temos:

- o alfabetizador A consegue melhores resultados, cujo somatório implica fundamentalmente em maior integração com os alunos.

Afirmar que o afastamento é fruto de uma instrução formal, seria colocar um falso problema. Não acreditamos ter sido essa a intenção de Luiz Alfredo. Mesmo porque colocaria a Instituição em um beco sem saída, na medida em que o MOBRAL sente a justa necessidade de aumentar o grau de informação dos seus alfabetizadores.

Distanciamento e integração, embora opostos, tem sua origem dentro do próprio processo educativo, sendo o distanciamento uma deformação da autêntica ação pedagógica que nunca é só ensinar, mas sim aprender ensinando. Ora, se é uma deformação, não só é possível como é necessária à sua modificação.

Já o alfabetizador A possui uma relação com a turma cujos resultados podem ser considerados bons. A que podemos atribuir isto? Novamente vamos recorrer ao trabalho do Luiz Alfredo, o qual nos dá uma linha mestra para ser aprofundada em busca desta resposta. É ele mesmo que nos diz: os melhores resultados são obtidos por aqueles alfabetizadores que têm maior integração com os problemas dos alunos e da comunidade em geral.

Esta afirmação suscita inúmeras questões; dentre elas as que nós consideramos mais importantes, para o decorrer deste trabalho e a elucidação da questão acima, seriam:

- 1) o que é uma comunidade?;
- 2) até que ponto uma turma de alfabetização pode ser considerada uma comunidade?

Tomemos a primeira questão, cuja resposta colocará a segunda a descoberto.

Poderíamos sem sombra de dúvida catalogar diversas definições de comunidade:

"Comunidade é uma coletividade humana como estrutura humana acabada, vinculada pelo mesmo fim e pela convivência".

"Comunidade é um grupo territorial de pessoas com relações recíprocas, que se servem de meios comuns para conseguir fins comuns", etc.

Mas essas definições não conseguiriam nos levar a parte alguma, pois não permitem a consecução de uma prática concreta em cima delas, isto porque definem comunidades ideais e não a comunidades reais.

Isto nos remete à seguinte afirmação: o conceito de comunidade, para ser operacional necessita substituir o caráter de amplitude, que vale apenas para comunidades em potencial, para se assentar em noções mais concretas, qual seja o conceito de classe social, que remete direto para a realidade.

Uma colocação mais objetiva do problema nos é oferecida por Laurence Moore, que em seu livro: "A programação do desenvolvimento da comunidade" nos diz: "Não se trata tanto de identificar comunidade mas de encontrar distintas classes de grupos sociais que possam servir de núcleo para distintas classes de programas"

Esta afirmação nos permite dizer que não é uma localização geográfica no espaço, ou um título gentílico comum, que irá caracterizar uma classe ou grupo. Isto será feito sempre pela posição do grupo na estrutura social, a qual determinará as características comuns e interesses coletivos gerais. Portanto acreditamos que a comunicação entre alfabetizador e turma se fará mais efetiva na medida em que o alfabetizador-comunicador e alunos-comunicandos olharem para o mesmo ponto, ou seja, tiverem os mesmos interesses, os quais serão descobertos e

estimulados no processo educativo, devendo ser portanto este processo uma reflexão sobre a sua situação no mundo.

Em termos gerais não é difícil encontrar nas classes do MOBRAL (Onde as condições sociais dos alunos e alfabetizadores são bastante semelhantes, fato que ainda mais se acentua na Região Nordeste) características sócio-econômicas comuns e interesses semelhantes.

Como o presente trabalho se circunscreve apenas ao município de Campo Maior, Estado do Piauí, estas afirmações tomam ainda, mais força porque neste Estado 70% das salas de aula estão em zona rural. E podemos, reforçados nas entrevistas feitas na região, afirmar que tanto as condições socioeconômicas, como a situação dos alunos nas áreas rurais, não mudam muito.

Tendo isto como certo, passemos à segunda questão: uma classe de aula não é uma comunidade, não representa, mas dadas as condições citadas acima, é representativa da comunidade. Explicando melhor: quando concordamos que um alfabetizador consegue melhores resultados se está envolvido organicamente na comunidade, podemos de forma analítica engendrar duas alternativas:

- 1) a receptividade é obtida graças a uma forma de transmissão baseada no diálogo, de um conteúdo que envolve essencialmente experiências de vida das pessoas;
- 2) a receptividade deriva do relacionamento que o alfabetizador tem extra-classe, ou seja, enquanto membro-participante na vida e no dia a dia do seu grupo de alunos.

Se analiticamente podemos dividir essas causas, está claro que é só neste nível que isto pode ocorrer, porque na realidade a receptividade se dá em função destas duas variáveis. Apesar destas variáveis poderem ser conjugadas com pesos diferentes, esta diferença nunca pode ser absoluta.

Isto porque as duas situações derivam de uma raiz única, expressa na própria consciência que tem o alfabetizador de si próprio e do grupo social de que ele faz parte. Esta consciência induz a sua solidariedade, e a sua solidariedade determina as suas ações tanto no âmbito do local em que vive como no contexto da sala. Esta relação entre a consciência e a sua ação participativa não é mecânica e nem automática; para que ocorra esta passagem são necessários alguns fatores.

Podemos concluir que o alfabetizador A, aquele que obteve sucesso, tem como características básicas o ter assumido um compromisso histórico, como agente transformador de uma realidade, tendo como vetor da sua ação, o interesse, as experiências e o estado de espírito do grupo no qual trabalha, sem avançar adiante do grupo (distanciamento) nem ir a seu reboque (passividade).

E são essas pessoas que conseguem obter os resultados mais consequentes e efetivos para o MOBRRAL.

Portanto, as declarações reunidas aqui pretendem formar um mosaico sócio-econômico-político no qual o MOBRRAL atua, incluindo as possíveis manifestações das transformações decorrentes da presença do MOBRRAL no município.

É nosso intuito fornecer elementos para que o MOBRRAL alcance os seus objetivos. Muitos pontos importantes, porém, foram abordados de forma superficial. Por isto nos colocamos em aberto para qualquer crítica que será por nós muito bem aceita, e virá certamente impedir a unidimensionalidade de visão.

CAMPO MAIOR

Declarações da população:

JOSÉ FELIPE DO NASCIMENTO - Preparador de corantes para comida
- aluno do MOBRAL de A.F. - bairro Santa Cruz - Zona Urbana.

"...a cidade é boa... meu pessoal tem pelegado para me levar daqui, mas eu tenho pena de deixar meu Campo Maior velho".

JOÃO FORTUNA - biscateiro - ajuda na supervisão das salas do MOBRAL.

"Campo Maior é uma maravilha, é a cidade verde dos carnaubais... a situação do povo não é boa porque não tem emprego, o povo da cidade emigra a procura de emprego".

PADRE ISAAC JOSÉ VILARIM - pároco local.

"Campo Maior é uma cidade-pólo... O povo é simples, acolhedor, alegre, sensível e de grande senso de solidariedade. Tem muita abertura de alma, isto facilita todo e qualquer trabalho de promoção do homem... O povo é pobre como em todo o nordeste e as causas desta pobreza, são variáveis e complexas e devem ser estudadas no contexto regional".

Francisco de Paula - vendedor de fumo - itinerante.

"A situação do povo é de fazer dó; principalmente os pobres".

FERNANDO FERREIRA CARIPÍ - pescador - zona urbana.

"Vivo trabalhando noite e dia com a tarrafa dentro d'água... Campo Maior é um lugar muito bom, mas não tem serviço, o pobre vive como bicho bruto...tenho doze filhos...tem dias que a gente come, tem dias que a gente não come".

LICIANA GONCALVES DE SOUZA - lavadeira de rio - lava roupas para famílias - zona urbana-

"Acho Campo Maior mais ou menos. A gente passa porque tem muita gente boa que ajuda a gente trabalha todos os dias não dá".

FRANCISCO DAS CHAGAS BARBOSA FREITAS - tira pedras nas barragens:

"Campo Maior é bom demais, só o que é ruim aqui é que falta emprego. Aqui é um lugar rico de muitas coisas, só que é pobre de emprego...O que eu como? mais é feijão, pois o pobre não come carne"

----- - filho do tirador de pedras - ajuda o pai no trabalho.

"Se não trabalho, passo fome...pretendo ganhar dinheiro para dar de comer os pais".

FRANCISCO ALVES CAVALCANTE - latifundiário, criador de gado e grande comerciante em Campo Maior:

"Campo Maior tem progredido muito apesar dos pesares...O caboclo passa muita fome, porque o preço da carnauba tá estacionado, e o que ele consegue não dá para viver, porque o preço do cereal está muito alto".

FRANCISCO DAS CHAGAS PEREIRA - Alfabetizador do MORRAL -
localidade: Pajeú, na zona rural.

"A localidade aqui, tem muita gente, gente pobre, apenas só faz roça, e pagando renda ao senhor proprietário":

FRANCISCO LUIZ GOMES - Conserta bicicletas, na localidade de Conceição, zona rural.

"Toda essa terra é de Gerônimo dos Santos Silva, alguns já compraram uns pedacinhos, mas não temos escritura, a maioria é morador dele ainda pois não recebemos a escritura"...

"Muitos abandonam o lugar, vão tirar madeira, trabalho duro, mas para ganhar o pão tem que lutar e aqui não dá mesmo."

RAIMUNDO MOURA RODRIGUES - foi alfabetizador do MOBRAL e atualmente é do M.E.B. e também monitor do PES. Faz roça na localidade de Corredores, zona rural.

"As condições de vida da nossa localidade é um pouco fraca, o povo vive todo de roça, é tudo um pessoal pobre, eles tem necessidade de melhorar a vida".

MARIA RAYLDA DE OLIVEIRA - alfabetizadora - localidade: Bananeiras, zona rural:

"O povo vive da roça, a renda não é muito boa, quando o inverno é bom, a lavoura é boa. Todos os trabalhadores dependem só dos braços".

ANTONIO GREGÓRIO DE SOUZA - trabalha na prefeitura de Campo Maior.

"Trabalho muito e ganho pouco. Ganho Cr\$ 221,00 para alimentar dez filhos, nem todos estudam porque não tenho dinheiro para comprar a farda...nem as vezes para dar de comer a eles... a pobreza aqui, só não morre porque Deus não quer. Eu falo por mim que trabalho e não dá para viver."

MARIA DE JESUS - alfabetizadora; localidade de Água Fria, zona rural.

"Aqui o pessoal mora, é agregado, tem medo de fazer um plantio,

uma horta e depois o dono da terra pode botar eles prá fora".

SOBRE A POLÍTICA EM CAMPO MAIOR

PEDRO VASCONCELOS FILHO - Coordenador Estadual do MOBRAL no Estado do Piauí.

"Devemos em grande parte do êxito do MOBRAL em Campo Maior ao apoio dado pelos prefeitos".

FRANCISCO DE PAULA - vendedor de fumo itinerante e candidato a vereador pelo MDB.

"Em Campo Maior mandam os coronéis"... "no interior o MDB não tem votos porque existe o curral eleitoral".

JOSÉ OLÍMPIO DA PAZ - dono do cartório e candidato a prefeito pela ARENA.

"Os coronéis tem cobra no bolso; só se preocupam com eles e com os deles".

JOÃO FORTUNA - biscateiro - ajuda a supervisionar as salas do MOBRAL.

"Os grandes proprietários podendo tirar uma camisa dos pobres, não dão nenhuma".

FRANCISCO FERREIRA CARINI - pescador:

"Os políticos quando querem se fazer, é Deus prá qui, Santo prá acolá, mas depois de feito o paraíso acocha e a gente tem que se virar".

FRANCISCO LUIS GOMES - conserta bicicleta, na localidade de Conceição.

"Os políticos prometem tudo...a gente acredita, porque a gente precisa".

FRANCISCO DE PAULA - vendedor de fumo itinerante e candidato a vereador pelo MDB.

"Se puxa a luz para a fazenda dos coronéis, porque não se puxa a luz para Cariri? Se se põe calçamento na rua dos amigos do prefeito, porque não calçam lá?"

O MOBRAL E CNEPO MAIOR

Partiremos primeiro da declaração de alunos e professores que versam sobre:

- a) O aluno dentro de uma perspectiva social e como esta perspectiva para suas aspirações, que em outras palavras seria o que ele espera do MOBRAL;
- b) O que os alunos esperam do curso de A.F.;
- c) O que os alunos acham dos cartazes.

ANTONIO... - (Alfabetizador de Nazaré) - Zona Rural (citado como um dos melhores alfabetizadores da região).

"Eu acho que a minha influência ficou maior na comunidade quando eu comecei dar as aulas do MOBRAL... porque isso serviu assim para mostrar ao pessoal da comunidade, o meu valor, assim sobre integração e trabalhos comunitários".

"A minha sala de aula fica no grupo escolar, ali tem carteiras e que dá muito bom para assentar os alunos. Tem um quadro de giz muito bom, a iluminação não é certa, é um pequeno motor a óleo, e tem épocas que falha,... mas nós temos aí um lâmpião comprado por iniciativa nossa, isto é, minha e dos alunos".

"Os meus alunos, eles são pessoas, assim que a gente vê neles uma característica especial, eles têm um determinado interesse sobre as aulas, mas uma coisa eu tenho avaliado entre eles, eles gostam de vir às aulas, mas depois a gente começa a registrar falta delas... eu tenho avaliado isto, em vista do trabalho deles que por determinadas épocas incede nesse que eles venham às aulas, alguns deles realizam trabalhos muito pesados, fazendo roças ou em outros trabalhos qualquer,

chegam mesmo cansados, e tem um determinado número que moram longe, e quando os alunos faltam eu não reclamo muito porque eu reconheço as dificuldades".

Sobre se os alunos conversam muito entre si: "Na época da compra do lampião é que notei que eles conversavam mais, eles conversavam bastante entre si sobre qual a melhor maneira de resolver o problema, o motor estava no prego, e a gente tava sem luz na classe, então eu lancei para eles o problema, que eles também já sentiam, e comecei a incentivar dizendo que todo o problema tem solução, e começou a haver um entrosamento muito grande entre eles".

"Eu acho todo o material de apoio muito bom, eu acho que o plano de leitura continuada é muito bom, de todos o melhor, ali estão enquadrados coisas de necessidade, coisas que dizem respeito ao homem do campo".

JOSÉ FÉLIX DO NASCIMENTO - (aluno de Alfabetização Funcional, bairro de Santa Cruz)

"Eu trabalho na feira vendendo corantes para comida,... a dificuldade é que eu não sei tirar contas".

"Do MOBIL eu só espero coisas boas".

ANTONIO LISBOA DA COSTA - (marceneiro, aluno de alfabetização funcional, bairro de Santa Cruz).

"Faço cama, todos os tipos de móveis, tenho muitos clientes... eu nunca encontrei dificuldades por não saber ler, entonces eu meu interesse de aumentar o meu pouco saber...".

Do MOBIL eu espero uma boa leitura.

LUIS ALVES LEAL - (trabalha na Prefeitura, concluiu o curso de AF e frequenta EI):

"Concluí o curso do MORRAL em 76... É porque a gente precisava aprender, a gente veio do campo, a gente chegou aqui sem saber nada e pedi a uma prima minha para me matricular no MORRAL".

"Eu esperava aprender para conseguir uma vida melhor".

ANTONIO LOPES DA CRUZ - (Profissão: carroceiro; aluno de alfabetização funcional - Bairro de Santa Cruz):

"Eu só não faço mais coisas porque meu tempo é duro, eu levanto de madrugada todo dia, durmo pouco, é um problema a vida da gente, se a gente atentar".

"De uma parte eu acredito que melhora a vida da gente, só o motivo que eu chegava numa parte para receber o dinheiro, e eu achava muito ruim porque não podia assinar o nome, agora estou achando bom porque já sei assinar o nome graças a Deus".

EXPEDITO JULIANO - (Aluno de Alfabetização Funcional no Bairro de Santa Cruz - trabalha no frigorífico da FRIPISA - abandonou o curso).

"Eu abandonei o MORRAL porque eu começo cedo, e a terminação não tem hora marcada. Um dia 6 horas, outro sete, outros 8, e eu chegava enfadado do serviço querendo descansar para começar o serviço cedo".

"Eu procurei com que aumentasse a minha leitura, porque eu estudei até o segundo ano, devido meus pais serem pobres eu deixei pelo trabalho, para substituir as despesas da casa, não pude enfrentar os meus estudos. Então eu procurei estudar no MORRAL para aprender tirar conta, porque ler e escrever e assinar o nome eu sei, então eu achei que não devia enfrentar devido ao meu trabalho porque é neste que eu estou substituindo minhas despesas. Deixei o MORRAL porque eu estava enfiado de

~~"Então, a noite".~~

"Não, não pretendo voltar, em vista de não ter enfrentado, já são duas vezes que eu começo a estudar e deixo a aula, eu não enfrento. Vou ficar mesmo no que estou. Deus se encarrega de mim com seu pouco saber".

Se ele vê com tristeza isto: "Sim, porque o meu desejo era seguir mais a enfrentar a minha leitura, então eu vou apelar para que consiga que os meus filhos estudem e que tenham o que até agora eu não tive. Eu não tenho nada para dar a eles, trabalhando muito mas eu ainda não ganhei. Vou enfrentar para que deixe tudo a meus filhos..."

FRANCISCO DAS CHAGAS PEREIRA (Alfabetizador da zona rural)

Sobre os alunos: "E começo ainda e eles estão muito brabos, mas parecem que vão agir até o fim do curso".

"É difícil deles se alimentar de acordo com os roteiros".

"O cartaz que eles mais gostaram foi o dos remédios...eles falam que até pouco tempo aqui ninguém conhecia nem remédios, eram doentes, muita gente, e nem conheciam remédios, não tinham posto, não conheciam nem doutor, e hoje tem e eles acham muito bom".

"O que eles mais querem do NOROAL é escrever...assim falando, tirar documentos, escrever ao menos o nome".

Alfabetizadora dona Raílanda do Piauí - Campo Maior - Bairro de Santa Cruz:

"Este bairro é muito fraco, em condições financeiras e mesmo falta de conhecimento e muito analfabeto".

MARIA RAILDA DE OLIVEIRA (Alfabetizadora zona rural)

"Eles aprendem com rapidez, eu acho que eles aprendem com rapidez porque já não existe na minha sala mais nenhum analfabeto, todos já sabem escrever o seu nome e algumas palavras."

"Eles nunca declararam para mim o cartaz que eles gostam mais".

"O maior desejo deles é o de escrever o seu nome e o da localidade. É assim que eles dizem pra mim...eles se interessam muito em saber notícias do mundo."

"Aqui na comunidade é cada um por si, não existe trabalho comunitário não".

"Eles estranhavam muito o cartaz do foguete nem eu mesmo sabia explicar o que era o foguete, pois não tive aulas suficientes para explicar".

MARIA DE JESUS (Alfabetizadora de localidade de Água Fria zona rural) (Citada como uma das melhores alfabetizadoras da região).

"Sin eles caminham muito para vir à aula. Tem deles que caminham dois quilômetros ou mais"

"Alguns deles aprendem com rapidez, tem outros que demoram, tem dificuldades, problemas de vista, tem deles que tem uma dificuldade noutra, as luzes são ruins para eles, eles ficam se maldizendo porque ficam distantes. A luz lá é de lamparina... Acha que devia ser mais iluminadas, perguntam porque que eu não ajeito, porque eu não peço luz para lá. A gente põe a lamparina e o vento apaga".

"Não existe evasão, o problema do aluno deixar de frequentar a aula depende do professor, o professor que na sala de aula quer bancar o duro, a pessoa adulta, ela trabalha, dá duro o dia todo no serviço, quando ela chega, já vem cansada, se quando chega na escola ela não adquire uma palavra amiga... a gente tem de animar ele, falando: Ô fulano você fez isso?, veio cansado de seu trabalho, chegou até aqui, vamos fazer com que a gente aprenda, isto vai servir para você mais logo".

"Sim eu acho que os cartazes são bons, eu gostei muito deles, agora tem alunos que acham muita dificuldade, porque nunca tinham visto aqueles cartazes, não conheciam eles... mesmo aquele cartaz da comida, tem muitos deles que não sabem que alimento são aqueles, o que tem naquele prato que eles não conhecem.

"No curso de Alfabetização Funcional os cartazes que mais despertava a atenção era o da enxada e do tijolo porque eles já conheciam e a enxada é o instrumento de trabalho deles".

"Sobre o cartaz do foguete muitos deles não conhecia. Muitos deles pensavam que era desses que a gente solta pagando uma promessa, e que a gente solta quando vai fazer um festejo, aí eu fui dizer pra eles que não era, que era um anarelho, era um que ia para o céu, como se diz que os astronautas iam para a lua com ele. Hoje todos sabem o que é, isto é, todos os que foram alfabetizados sabem o que é um foguete."

"No início das aulas eles eram muito tímidos, depois do segundo mês eles já conversavam muito entre si".

"O maior desejo deles é tirar documento, porque é através da carteira que eles vão arranjar algum emprego... inclusive um aluno meu foi chamado para trabalhar em Teresina, ele falou que quando chegou lá, o rapaz que chamou para ele trabalhar perguntou se ele sabia assinar o nome, ele ficou muito triste e voltou porque não sabia assinar o nome para continuar a trabalhar, então ele foi estudar no MOBRAL, foi alfabetizado,

e agora está esperando a qualquer hora ser chamado para ir trabalhar, se acontecer isso ele não vai mais deixar de trabalhar."

"Eu tinha 60 alunos na sala mas só podia receber por 30".

"Eu acho que os alunos gostam de mim e eu gosto dos alunos, isto aí vai do jeito da gente tratar as pessoas, saber cativar, se eu falo: ah! gente, eu sou professora mas sou igual a vocês, também fui analfabeta igual a vocês e se aprendi alguma coisa foi porque cheguei a alguma sala de aula para aprender... então ninguém vai ter dúvidas de ficar desconfiado um com o outro, porque eu sou a mesma pessoa de vocês, aí começa aquele entrosamento, muitos perguntam se não tem uma vaguinha para eles, porque vão lá e vêm que a gente tem o maior interesse por eles e aí querem chegar à sala de aula para estudar".

LUIZ PEDRO DA ROCHA (Alfabetizador do MOBRAL Zona Rural):

"Os alunos sempre tem muita dificuldade para acompanhar a escola, não só na zona rural, mas até mesmo na cidade, sempre o trabalhador rural reclama, ele sempre reclama que quando chega à noite do trabalho ele vem muito cansado, nunca pode ir todo dia à escola, mas sempre há uma grande frequência, porque acompanhando o trabalho do MEB a gente já tem um bocão de experiência para fazer com que eles cheguem à escola, aparecendo diversões, a gente tem de formar outros movimentos, através do movimento ele vai à escola e através da escola ele passa a ser alfabetizado.

"Os alunos da escola todos são da mesma categoria, não tem nenhum que saia fora da vinculação do trabalhador rural. Eu acho que eles estão entendendo os cartazes, porque os cartazes é a realidade. A gente sente que eles entendem bem o que é a realidade, agora o que falta é eles participarem mesmo daquilo".

"A principal coisa que eles exigem é tirar documentos".

LUIZ

(Aluno de Alfabetização Funcional)

"Me sinto uma mudança, muito boa graças a Deus, me sinto mais elevado no mundo, só que estou muito atrasado mas estou com fé em Deus de me adiantar, tenho muita fé de aprender".

"Somente leio mesmo o livro do MOBRAL que a gente recebeu, já li quase todos...a gente lê todo dia para ver se vai elevando mais, porque se a gente deixa parado é pior".

FRANCISCO DAS CHAGAS DO NASCIMENTO

"Eu trabalho numa vacaria...eu espero aprender a ler, aprender algumas coisas, sair sabendo algumas coisas, tirar umas contas, saber assinar o nome, saber escrever um bilhete, uma carta, receber uma carta e ler".

ANTONIO JOSÉ DA ROCHA (Aluno de Alfabetização Funcional que conseguiu chegar até o científico)

"Eu descobri MOBRAL...quando eu vim para cá tinha vontade de estudar e quando eu vim para cá um dia, eu estava aqui no meu emprego e vi o anúncio do MOBRAL no Patronato. Aí eu cheguei em casa, estava na reunião e eu resolvi ir até lá para ver como era. E quando cheguei lá, resolvi me matricular no MOBRAL. Em seguida aí para frente, gosto".

Depois eu segui para o curso de Educação Integrada do MOBRAL. Senti a diferença porque a gente tinha que sentir mesmo. Porque tem que mudar. O grau de estudo da Educação Integrada é mais forte, é melhor, é maior. E a gente tem que sentir, mas não foi sentir um problema de dificuldade não, eu graças a Deus levei bem.

"Depois do Projeto Minerva eu segui para o Científico até onde, não cheguei a terminar o 1º ano. Eu saí porque achei que tava assim um pouco cansado."

"Ajudou demais, ajudou a melhorar a minha vida porque eu não sabia sequer ajudar um filho meu em qualquer problema de estudo que ele tinha, e hoje em dia eu já posso ensinar um filho se ele tem uma dificuldade qualquer no ensino".

Dona Maria - aluna de Alfabetização Funcional do Bairro de Santa Cruz.

"Não senhor, estou estudando porque lá eu espero alcançar alguma coisa melhor para minha vida, nem que esteja perto de morrer, eu não sei se terei de aturar muito ou se tem de morrer, estou culturando a vida enquanto Jesus me tem no mundo".

AUTODIDATISMO

Dona Geraldina apresenta o Presidente da COMUN de Campo Maior:

"O autodidatismo superou nossas expectativas. Graças a Deus ele superou nossas expectativas, que a princípio nós abrimos só dois meses de inscrição para o meio rural, e atingiu um número superior a 100 e abrimos agora para a cidade é imensa. E vale a pena você testemunhar, como membros do MOBRAL já testemunharam, a chegada de pessoas daqui para procurar novos roteiros. E principalmente o pessoal do meio rural que quando leva o roteiro que fala sobre o campo vem trocar diz, só exclama, que o livro é bom, que tem novidades e que aprenderam muito".

Antonio Alves de Carvalho - pequeno proprietário e aluno do autodidatismo - zona rural:

"O autodidatismo eu gostei demais. Continuo fazendo e vou ver se termino se eu achar que tenha condições de continuar eu vou mais adiante, porque eu nunca tive escola...eu sou muito desatualizado com a vida intelectual e por isso tentei fazer este curso aproveitando assim..."

Os roteiros do autodidatismo: "às vezes a gente encontra dificuldades que é preciso pesquisar não só num livro mas em vários livros. Primeiro eu achei dificuldade, agora estou achando muito fácil. Encontrei uma grande coisa nos roteiros de atividades que dá até entusiasmo a gente trabalhar com as instruções que vem dando. E com isso estou tentando preparar um terreno para cultivar um plantio de horta, porque a minha propriedade pode ser utilizada muito nisso, devido à fartura de água que nós temos na barragem construída pelo DNOCS..."

"De todos os roteiros eu venho gostando, mas tem um roteiro, esse o nº 6 é muito bom, mas eu estou gostando mais do que trata do assunto da lavoura. Não sei se é pelo conhecimento e pela prática que eu tenho de lavoura. O roteiro fala muito numa coisa que nós temos, o benefício de tratores nas propriedades, não temos condições de comprar..."

"Estou gostando do autodidatismo e quero ver se termino".

Maria Railda - alfabetizadora do MOBRAL na zona rural e aluna de autodidatismo.

"Estou fazendo autodidatismo porque não tenho o diploma do primário, então para mim adquirir o diploma do primário estou fazendo autodidatismo...estou achando ótimo".

"Não, não encontrei dificuldades, porque era tudo sobre a convivência da pessoa...eu consultava facilmente, porque eu já tinha prática de pesquisa nos livros".

Francisco das Chagas Pereira - Alfabetizador do MOBRAL (e aluno de autodidatismo).

"Estou no autodidatismo e estou achando muito importante, o mais ruim sou eu, mas o assunto eu entendo que é muito bom. Estou atrasado porque o último roteiro eu estou com ele há mais de um mês e estou achando muito bom".

"O MOBRAL procurou quem estava a fim de fazer o curso... então a gente sentiu, eu fiz apenas a 1ª. série e muito mal feito e eu vi que eu era a pessoa mais necessitada de fazer autodidatismo..."

Sobre os roteiros: "Estou achando bom, estou achando fácil, não é muito fácil e eu para estudar não tenho muito tempo, e digo: não vou mentir, não tenho muita paciência, mas quando eu vou estudar acho fácil".

Do livro sobre o trabalho: "Estou achando bom porque tudo é assunto da classe do trabalhador rural. Não é muito mais porque aqui é diferente de Sul, porque aqui é só o braço, e no livro sempre a instrução o que ensina, é tudo para máquina, portanto é um pouco diferente, mas a gente espera logo que aqui seja igualmente".

Sobre a alimentação: "Estão no rumo, só não se alimentam de acordo com o livro, porque aqui é difícil de encontrar pelo menos um terço daquilo ali".

Sobre se o que tem aprendido nos roteiros tem ajudado nas aulas como o alfabetizador do MOBRAL: "Tem sempre ajudado, porque sempre o alfabetizador tem que dar um pouco de instrução sobre o trabalho, o valor do trabalho, e geralmente nos roteiros sempre fala".

BALCÃO DE EMPREGO

Dona Geraldina - Presidente da COMUN de Campo Maior.

"O Balcão-de-emprego está parado...a nossa esperança a Boa Esperança, a barragem de Boa Esperança. A barragem chegou e a esperança foi embora. Nós não temos fonte de emprego, o que nós temos aqui é o comércio e o frigorífico. E é número limitado e pronto".

Petrônio - encarregado de profissionalização na COEST

"O programa de profissionalização é novo e difícil de se trabalhar, principalmente nesta região Norte-Nordeste, dada a falta de recursos financeiros"... "no Piauí são poucas as cidades que apresentam condições de se implantar balcão-de-emprego... Em Campo Maior este projeto não foi tão feliz como os outros... na implantação foi grande a receptividade"... "O que contribuiu muito para o fracasso foi o APROF que pediu o se afastamento, e além disso, o prefeito adoeceu. Nós vamos voltar lá e arranjar um novo APROF".

Francisco das Chagas Nascimento - carroceiro, aluno de alfabetização funcional.

"O povo passa necessidade, mas a gente pelejando a gente passa. Aqui tem gente que passa por vagabundo, mesmo sem querer".

Francisco Alves Cavalcante - grande latifundiário, criador de gado, grande comerciante:

"O povo é muito preguiçoso, o piauiense é muito preguiçoso, no Ceará o povo é mais trabalhador, no Maranhão o povo é ainda

muito pior..." "Tem gente abandonando a cidade, mas o pior é que tem gente abandonando o campo e vindo para a cidade".

José Olímpio da Paz - dono do cartório e candidato a prefeito pela ARENA.

"... o povo gosta de trabalhar, com fome, mais gosta".

PRODAC

Dona Geraldina, Presidente da COMUN do Campo Maior:

"A instalação foi um sucesso, mas não atingiu os seus objetivos. Nós fomos principalmente ver a realidade in loco. Reunimos várias e várias vezes. Inclusive lá tem um GAL formado e diante desse GAL (de Cariri, bairro pobre de Campo Maior) é que surgiram os problemas, como é comum se fazer. E depois desse levantamento é que nós levamos à consideração o planejamento de ação.

Mas acontece que esse pessoal lá do Cariri, lá desse bairro, é tão pouco mesquinho, sei lá. Acho que é a miséria em que eles vivem. Se ele recebe um benefício hoje, amanhã ele desconhece."

"Além da zona urbana nós implantamos (o PRODAC) em Nazaré, que é um povoado que nós temos aqui perto. E lá o alfabetizador se chama Antonio Cardoso. É dinâmico e levou o PRODAC a sério. Construiu hortas e começou um trabalho sobre fossas".

Declarações de moradores do Bairro Cariri:

Maria dos Anjos Felipe de Jesus - doméstica - "Moro no Bairro Cariri há 6 anos. Aqui no Bairro a coisa que nós mais estamos precisando é luz. Já falamos com o prefeito, mas ele não pode resolver. O esgoto é muito ruim...uma catimba danada".

Maria Aparecida Cabral - doméstica - "Sinto falta de água e luz porque não tem".

Manoel Gomes de Almeida - líder de rua do PES - sem emprego - "É necessário limpeza, privadas, esgoto...a luz também é necessária".

PROBAC/João Fortuna - ajuda a supervisão de sala do MOBRAF.

"O PROBAC onde eu fui um dos que participei desde o começo com muita atividade também. Mas existiu um fracasso muito grande, porque o nosso presidente nos abandonou... Se o presidente não tivesse se afastado nós continuaríamos neste trabalho e a desenvolver o PROBAC".

"O bairro Cariri é um dos bairros que nós fomos visitar. E depois formamos uma comissão pedida por eles. Fomos ao prefeito e não fomos apoiados por ele. Lá é uma inundicie, pois todo o lixo da cidade vai prá lá e isso gera muita doença".

O PES

Zona urbana

Dona Maria Nazaré, monitora do PES no bairro do Cariri.

"Aqui no bairro onde eu sou monitora o povo existe - não totalmente - mas quase marginalizado sobre o problema de educação, alimentação, desemprego e saúde. Socialmente eles não vivem - passam pela vida. As crianças daqui não têm assistência social..."

"A alimentação é muito fraca. A gente nota pelo perfil e pela fisionomia das crianças que eles não têm uma alimentação adequada, que vá contribuir para o seu crescimento e desenvolvimento físico."

"O PES, felizmente, anda bem. Eu pensei que fosse encontrar grande dificuldade na parte da conscientização, mas não. Eles concordaram comigo. Sentem a necessidade, mas nós não podemos resolver devido a falta de dinheiro. Porque este é o fato principal para se resolver qualquer problema. Eles não têm condição. Há muita boa vontade, mas eles não têm condição..."

"O mutirão não tem dado certo. Eles têm realizado algumas privadas, trabalhando só ou pagando a pessoas. Não dá certo porque quando um pode trabalhar o outro não pode, porque tem que trabalhar para se manter. A paga é pouca, apenas uma contribuição. Eu também nos programas falo:

- minha gente, eu sei que vocês precisam de dinheiro, vivem passando necessidade e não vou dizer para trabalharem de graça. Se outra pessoa pode lhe dar uma gratificação, eu acho certo".

"O número de pessoas nas reuniões é vacilante".

"Não temos condição de fazer horta comunitária. Porque tem que cercar, tem que canalizar a água e a gente não tem dinheiro. A maioria da população do bairro não tem oitenta cruzeiros para pagar pela fossa. Eu acho que ele devia ser vendida a prestação".

"O atendimento hospitalar aqui na cidade é mais do que razoável".

João Fortuna - biscateiro e ajuda na supervisão nas salas do MOBIL

"Aqui na cidade a classe média que tem o INPS se salva, mas quem não tem está mal..."

O PES

Zona Rural

Vamos juntar as declarações do monitor do PES, seu Matias, da localidade de Mocambo do Pedro. A primeira foi gravada em maio, quando da implantação do programa. E a segunda em agosto. Esperamos assim dar uma imagem de como está atuando o programa na Zona Rural.

Senhor Matias - monitor do PES - "Ten grau de instrução, eu tive na idade de 10 a 11 anos a oportunidade de estudar dois

meses numa escola municipal desde lá nunca mais estudei..."

"Sei ler e escrever, desse pouquinho que adquiri, dessa oportunidade que tive nesses dois meses, eu sempre tive o cuidado de treinar todos os dias e depois que assumi algumas responsabilidades, tem que ser mesmo lendo e escrevendo, com isso sinto que venho melhorando o meu pequeno grau de instrução".

"Os problemas de saúde, os que a gente vê mais de perto, é que em termos de alimentação o pessoal sofre muita privação. Essa classe menos favorecida que não possui um pedaço de terra, também eles não podem quase produzir. Com isso não há assim...O Crédito Rural pelo menos não chega para todo mundo, por aqui isso só vai se for pelo patrão assinado e eles às vezes não podem fazer isso para toda gente. Então dado a isso a pouca produção, o pouco rendimento dessas famílias, acarreta muito para a desnutrição, com isso eles passam grandes privações. Não podem tem oportunidade de chegar aos hospitais para conseguir uma receita médica, razão porque para eles se deslocarem até os hospitais, eles têm uma despesa de 25 a 30 cruzeiros de passagem. Temos um Posto de Saúde mas a demanda é muito grande razão porque há muita doença mesmo, e é limitado a vinte o número de atendimentos e o médico só visita o Posto para os atendimentos de quinze em quinze dias".

"No meu ponto de vista as doenças que mais atingem a população lá na minha região é a verminose e o empaludismo, muito embora que a campanha da malária tem dado grande parcela de contribuição tem sido uma campanha mesmo, mas nem assim, a gente vê que ainda há muito empaludismo, porque febre aparece sempre tanto nas crianças como nos adultos, também a gente vê que a falta de tratamento nas águas, também a gente vê que é grande a quantidade de pessoas que apresentam desidratação. O ponto mais apontado mesmo é o da verminose e o da malária".

"Mocambo não tinha nada quando eu cheguei lá, inclusive eles me apresentaram:

- olha aqui os petronax (sistema de iluminação a gás), estão todos quebrados. A gente não tem recursos. A gente não pode fazer nada. Aí eu disse: a gente pode fazer, sim, alguma coisa. Vamos começar. Depois de um tempo o líder, Vicente, me disse:

- É, agora o negócio vai.

Atualmente a gente faz coleta, faz rifa. E já pagamos as pedras (das fossas) e estamos esperando eles chegar".

Sobre se ele se sente capacitado a despertar atenção da sua comunidade para o Programa de Saúde:

"Na parte que se refere a cultura, não tenho então muita condição. Mas me sinto preparado na parte da liderança. Pelo menos temos pequenos trabalhos comunitários que mesmo assim, com a pequena liderança conseguimos realizar".

"Temos várias experiências. Porque quando a gente viu as dificuldades que a gente atravessava, por exemplo, a falta de estrada, porque quando a gente pensa em progresso, a gente pensa em acesso, nós não tínhamos como levar o material de um lugar para o outro, para se deslocar até a sede do município de Campo Maior, tinha muita dificuldade. A comunidade decidiu a reunir-se em grupo, melhorando as estradas e hoje já temos pequenos acessos como estradas carroçáveis. Depois a gente se reuniu para resolver outros problemas, ou seja, a construção de uma sede da Delegacia do sindicato dos trabalhadores rurais; temos agora uma sede própria construída em mutirão. Mais tarde se partiu para a construção de um centro comunitário que ainda está em andamento. A gente ainda se dedica a pequenos trabalhos, como ajudando a cercar roças de pessoas e limpar, procurando fazer limpezas em olhos d'água e pequenas barragens".

"A idéia (dos trabalhos comunitários) nasceu de que a gente viu na Bíblia Sagrada, aquela parte do Êxodo de Moisés, com relação daquelas populações escravizadas que sofriam sem participarem. E lá, agente achou com essa reflexão, que podíamos também

fazer alguma coisa. O padre da paróquia, ajudava e incentivava com sua colaboração. Com relação ao pessoal capacitado, mobilizado para tal fim não se conta com todas as pessoas, não se conta porque aquele pessoal que dispõe de recurso, fazendeiro, latifundiário, eles não gostam assim muito, nem que se façam essas coisas, mas nem por isso nos esmorecemos, nem com isso deixamos de ter o nosso pensamento ativo, nunca esmorecemos com algumas infrações, algumas perturbações como as que temos que enfrentar partindo desse grupo de gente. O grupo pode se dizer quase que dividido: latifundiários não gostam, não colaboram e não dão valor, mas o grupo que começou, participa sempre ativamente na esperança".

"O pessoal de Jatobá (localidade vizinha) veio me perguntar como é esse negócio de movimento de saúde. E que eu estava correndo só para Mocambo do Pedro e não estava dizendo nada para eles. Aí eu falei para eles que a comunidade de Jatobá já tinha monitor. E a obra aqui (Jatobá) era responsabilidade dele. Eles falaram que ninguém tinha vindo falar em nada. Passou.

Depois de um tempo eles vieram falar comigo:

- Matias, nós vamos cavar duas fossas, cavar mesmo aí a toque de caisa, do jeito que nós entenderos.

Aí eu senti, eu sou um elemento sentimental, eu disse - não pode ser assim, nós vamos fazer uma reunião aqui em Jatobá.

Aí eu fui lá e falei com a monitora e marquei uma reunião. Nesse dia veio muita gente. Marcamos cinco fossas e já estão todas as cinco esperando as pedras. Aí eu falei pro monitor que já tinha gente pedindo para marcar dia para nova reunião. Mas ele não apareceu mais. Eles estão querendo, porque essa turma de Jatobá é bem preparada. Jatobá é uma comunidade que já tem uma orientação, já tem vários tipos de serviços comunitários e quando se fala essas coisas a turma já entende o que é".

"O trabalho em Jatobá começou com o Padre Isaac. Ele começou fazendo umas reuniões, dando preparo aos grupos. Inclusive ele chegou a eleger umas diretorias. E o pessoal aceitou bem os trabalhos continuaram. Aliás, tem comunidades que eles abandonaram. Mas tem outras que já apresentavam vários tipos de trabalhos. Por exemplo: em Jatobá a delegacia do sindicato (rural) foi toda feita em mutirão. Tem outra: essas estradas que a gente trafega por aqui não tem nenhuma feita pela prefeitura, não. Todas foram feitas por nós. As obras comunitárias continuam sem a presença do Padre Isaac. Porque o Padre marca a reunião de três em três meses lá na sede (Campo Maior) com todos os líderes de todas as localidades. E ainda pede que a gente leve o grupo de jovens. E aí ele aprofunda mais a reflexão sobre os trabalhos. Pesquisa o que a gente fez e o que a gente deixou de fazer, quais os planos que a gente está elaborando. E nós discutimos e ele coloca algumas sugestões:

- nós podíamos fazer...(diz sempre o Padre no plural)"

"Nós escolhemos os problemas da seguinte maneira: quando a gente sente a necessidade daquela coisa que mais afeta a população, a gente pede uma reunião convocando e pede que o pessoal faça um levantamento daquilo que mais é tocante, em condição de problemas ou dificuldade.

Então, de lá a gente se reúne e toma uma decisão como vai se fazer para resolver o problema".

"Cada um colocou - quando a gente levantou o diagnóstico - que o tema era fazer melhoramentos, saúde, evitar contaminação. Então o grupo falou que o maior problema da comunidade era o verme. Foi o grupo mesmo que levantou".

"Tenho observado algumas melhoras na comunidade".

"A comunidade está aceitando bem o trabalho. Eu estou satisfeito com o grupo".

"O trabalho lá é de grande utilidade...E despertou também na comunidade um clima de desenvolver as coisas, terem mais condição de vida, terem mais saúde, terem mais frequência no desenvolvimento social".

"Aqui na zona rural o pessoal é muito ligado em novidade. Existem reuniões que são motivadas por algum trabalho, algum leilão, alguma brincadeira, então o número aumenta para mais de cento e tantas pessoas. A gente vê que o grupo continua assim numa média segura. Parece que não vem mais aumentando. Mas, às vezes, diminui. É como eu falei":

- É só para uma reuniãozinha do PES? Não tem mais nada não? Aí só vai aquele grupinho seguro mesmo, uma média de dez pessoas. Nós temos que motivar, fazer brincadeiras. Nos leilões continua a participação maior dos pobres. O pessoal que tem mais recursos isto é, às vezes contribuem, mas também não vão às reuniões, não fazem frente nos leilões".

"Para cavar os buracos foi fácil. Mas para o emadeiramento foi difícil. Porque na época da colheita da farinhada".

"Eu sempre fazia eles se sentirem bem responsáveis pelo que estavam fazendo".

"Na primeira reunião eles disseram que não tinham recursos. Aí eu falei que o primeiro recurso era humano. E tínhamos muitas pessoas humanas aqui, agora depois vamos partir para o material..."

"Eu senti que quando a gente sai o trabalho para. Então a gente formou uma diretoria. Esta diretoria foi escolhida pelo pessoal da comunidade".

"Acho que o monitor tem que ficar acompanhando, fazendo avaliação, porque parece que o maior problema que a gente encontra aqui na zona rural é que as pessoas aceitam as coisas, recebem bem, iniciam, mas não têm muita perseverança".

"Eu acho melhor que as comissões dessem mais apoio aos monitores..."

"Uma das partes negativas do programa (PES) é que a gente acha que embora não estejamos fazendo tantas coisas, um trabalho lento, mas a gente vê que a gratificação não é suficiente para dar uma atenção mais direta, porque a gente tem de trabalhar para viver. Às vezes a gente sente motivação para desenvolver o PES, mas a remuneração não é suficiente".

"Um outro ponto negativo que também a gente nota é que o pessoal - embora um grupo bom como o meu - eles querem que todo tipo de trabalho a gente esteja ali, incentivando. E quando a gente sai eles param. E a gente procura fazer uma análise do que já se fez para fazer mais até a próxima reunião".

"Sou líder religioso, sindical e da EMATER. Mas nunca recebi nenhuma remuneração. Estou satisfeito porque é a primeira vez que recebo alguma coisa. Estou muito enganado de promessas que muita gente diz que vem dar ao trabalhador rural. E não é muito fácil a gente mudar a mentalidade do pessoal, com tanta promessa".

"Eu não digo a todos que estou recebendo dinheiro para enfrentar esse trabalho".

"Nas reuniões do sindicato a gente discutia mais era: como mudar a mentalidade do trabalhador rural. Como fazer com que ele entenda o que é no movimento sindicalista; fazer tudo para ver se ele consegue melhoramentos. E ver também que o trabalhador rural precisa ser conscientizado dos seus direitos e deveres. Porque é um problema muito sério, porque o primeiro sindicato criou um foco de enganos, de medo... que os assuntos que a gente mais procura na reunião é deixar o trabalhador mais conscientizado, mais esclarecido, para não haver tanta balbúrdia como sempre há. A gente sempre discutia nessas reuniões todos os domingos. A gente discutia os maiores problemas que afetam a comunidade. A

gente escolhe aquele tipo de trabalho mais aproximado do povo. A gente já discute isso há mais de dez anos".

- como se deu essa passagem dos problemas mais amplos para os problemas de saúde?

"A maior parte dessas pessoas que se entrosam hoje nesse programa de saúde é ainda daquelas pessoas que começaram o trabalho comunitário e o trabalho no sindicato. Pessoas que já estavam mobilizadas. Essas pessoas são as que mais contribuem hoje para esse trabalho (PES) que a gente está desenvolvendo. São esses que já vinham com essas lutas, trabalhos comunitários e movimento sindical, os que estão aparecendo hoje".

"A gente continua ainda discutindo o que se pode fazer de melhoramentos na comunidade...Já fizemos um projeto de melhora das estradas, mas a obra não foi feita porque o pessoal está ocupado na roça".

"Nós temos assim sofrido um pouco não, porque as nossas condições são muito fracas, a iluminação é feita através de lanparina, os bancos eu coloco por cima um do outro para formar as carteiras e os alunos sentam em outro banco, prá eles poderem apoiar, prá escrever".

"Sim, porque a gente tem dificuldade de chegar a eles a esse ponto que eles tem necessidade, que eles devem sentir de perto, que realmente eles precisam ser alfabetizados, mas tem deles que a gente tem dificuldade, eles se desesperam, porque eles tem dificuldade, então eles se desesperam, querem deixar a sala, é uma luta quando a gente vai na sala, prá conseguir eles voltar novamente prá classe, eu tenho encontrado alunos que desde a 1a. etapa que eu leciono eles começam a frequentar, depois eles se desesperam e saem vão até prá fora, prá trabalhar..."

"Sim, tem..., esses cartazes dessa última etapa eu estou achando que está assim mais ligado ao nível deles, a vida deles porque aqueles cartazes que vieram anteriormente como tinham aquele cartaz com aquele telefone antigo, aquela coisa antiga que, nem a gente mesmo sabia explicar prá eles, quando eles faziam assim uma pergunta, qual a finalidade daquele troço, a gente tinha dificuldade de levar a conclusão prá eles, e os livros também eu estou gostando bastante dos livros e eles também já andaram folheando e acharam muito bonito..."

"Sobre alimentação variada, que a gente sente, discute como é que eles devem fazer a alimentação, eles é que ficam chateados porque não tem condição financeira para ter uma alimentação assim como pede a alfabetização, como pede os cartazes, de acordo com o que eles vêm no cartaz".

CENTRO DE MEMÓRIA DO NOROESTE

30 de setembro de 1976

Relação das fitas gravadas por José Roberto Martins Ferreira,
no município de Campo Maior - PI, em maio de 1976.

Nº/ASSUNTO OU PROGRAMA/NOME E QUALIDADE DO ENTREVISTADO/LOCAL

- 01- AF/ALUNO AF RECENTE MATRICULADO/FRIGORÍFICO FRIPISA
- 02- AF/EI/EX-ALUNO AF/DISTRITO DE NAZARÉ
- 03- AF/EI/EX-ALUNO AF E EI QUE PROSSEGUE ESTUDO/JARDIM FLORESTAL
- 04- AF/CONTINUAÇÃO FITA 3 E MARIA DE JESUS ALFABETIZADORA
- 05- AF/ALFABETIZADOR DE NAZARÉ ANTONIO/DISTRITO DE NAZARÉ
- 06- AF/ALFABETIZADOR RAIMUNDO MOURA RODRIGUES/LOCAL. CORREDORES
- 07- AF/ALFABETIZADORA RAIMUNDA DE DEUS MARTINS DE ANDRADE/STA. CRUZ
- 08- PES/SEU MATIAS, MONITOR
- 09- AF/ALUNOS POSTO 13 DE MARÇO/BAIRRO SANTA CRUZ
- 10- AF/ALUNOS 1º DIA DE AULA/BAIRRO DE SANTA CRUZ
- 11- COMUM/PRESIDENTE COMUM CAMPO MAIOR
- 12- PES/FLAGRANTES/ A REUNIÃO DE IMPLANTAÇÃO
- 13- CULT/BOIADEIRO, CANÇÃO DE ABOIC/CASA PRESI COMUM
- 14- AF/EI/EX-ALUNO VÁRIAS PESSOAS
- 15- AF/PRODAC/PES/LUÍS PEDRO DA ROCHA EX AF, ATUAL MONITOR PES.
- 16- PRODAC/COMUNIDADE DE NAZARÉ
- 17- PRODAC/CONTINUAÇÃO FITA 16

Este trabalho foi complementado em agosto, quando foram gravadas mais 32 fitas (relação a seguir).

Os números assinalados por um círculo correspondem a fitas documentadas por fotos. Em maio a documentação visual foi realizada por Oscar Perassoli e em agosto por Ronaldo Prandin.

Relação das fitas gravadas por JRMF no Piauí, a maioria no Município de Campo Maior, algumas em Teresina, em agosto de 1976.

- 18- PRODAC/PES/ PADRE ISAAC JOSÉ VILARIM
- 19- PRODAC/PES/ MORADORES BAIRRO CARIRI; CONDIÇÕES DE VIDA
- 20- AF/ACULT/"CEL" FRANCISCO ALVES, LATIFUNDIÁRIO
- 21- AF/ACULT/VEENDEDORES NA FEIRA DE CAMPO MAIOR
- 22- AF/FRANCISCO DE PAULA, CANDIDATO A VEREADOR
- 23- PES/ MARIA DE NAZARÉ LEITE LIMA, MONITORA
- 24- AUTO/ ANTONIO ALVES DE CARVALHO ALUNO DE AUTODIDATISMO
- 25- AF/ANTONIO LOPES DA CRUZ ALUNO AF, CARROCEIRO
- 26- PRODAC/ JOÃO FORTUNA VIGIA NOBRAL CM DESDE 1970
- 27- COEST-PI/ PEDRO VASCONCELOS FILHO, COEST-PI/TERESINA
- 28- AF/AUTO/MARIA RATAIDA ALFABETIZADORA, ALUNA AUTODIDATISMO
- 29- AF/AUTO/FRANCISCO DAS CHAGAS PEREIRA, ALF. E AL. AUTO
- 30- AF/ALUNOS/LOCALIDADE DE AGUA FRIA
- 31- AF/AUTO/FRANCISCA DE SOUZA LEÃO/LOCALIDADE DE BANGORRA
- 32- CULT/NEGOCIANTES FEITA DE BICHOS CAMPO MAIOR
- 33- PRODAC/PES/MORADORES MOCAMBO DO PEDRO
- 34- AF/JOSÉ FELIPE DO NASCIMENTO ALUNO AF. PREPARA CORANTES
- 35- AF/JOSÉ OLÍMPIO DE FREITAS, CANDIDATO A PREFEITO
- 36- AF/FRANCISCO DAS CHAGAS DO NASCIMENTO/ALUNO AF
- 37- AF/CONTINUAÇÃO FITA 36
- 38- AF/PRODAC/PES/EXPEDITO JULIÃO, FERNANDO FERREIRA CARIRI
- 39- PRODAC/PES/FRANCISCO DAS CHAGAS BARBOSA FREITAS, E FILHO LAVADEIRA
- 40- COEST-PI/MANOEL DE OLIVEIRA, VIGIA
- 41- COEST-PI/ CONTINUAÇÃO DA FITA 40
- 42- CULT/PRODAC/PES/VEENDEDORES RAÍZES DA FEIRA DE TERESINA
- 43- CULT/MÚSICA FESTIBANDA TERESINA
- 44- CULT/MÚSICOS FESTIBANDA TERESINA
- 45- CULT/POPULARES FESTIBANDA/TERESINA
- 46- CULT/CECHUNHO CANTADOR CAMPO MAIOR
- 47- PES/SEU MATIAS/MOCAMBO DO PEDRO
- 48- PES/CONTINUAÇÃO DA FITA 47
- 49- PES/CONTINUAÇÃO DA FITA 48